

26.10.1

RN 397 (trecho)

RIO - SÃO PAULO

R u b e m   B r a g a

Corro alegremente o risco de ser monótono, mas ainda vos falarei de São Paulo e da exposição de Di Cavalcanti. O Instituto dos Arquitetos do Brasil tem, em São Paulo, mais crédito ou mais peito que no Rio, não sei; o fato é que está levantando um belo edifício, simples e nobre. E foi em suas amplas salas do sôbre-solo dessa construção que Emiliano Di Cavalcanti pôde apresentar cento e tantos quadros que contam de maneira incompleta, mas poderosa, a história de seus 30 anos de pintura. Guilherme de Almeida fez um discurso ("isto aqui é festa nossa, dos velhinhos de 1922", dizia a meu lado Sérgio Milliet) muito bonito e comovido, muito Guilherme de Almeida, em que fala de uma ponte de guirlandas que unia, em 1918, o apartamento do poeta e a água-furtada do artista - pois foi em 1918 que Di apareceu em São Paulo "com uma carta de Olavo Bilac e um terno de Nagib". Os dois salões estavam cheios, e confesso que me comoveu ver tanta coisa bela saída das mãos de um homem. E' urgentíssimo fazer no Rio uma grande exposição Di Cavalcanti. O Rio tem direito, porque é sua grossa e tépida luz que vibra nos óleos de Di; nem Paris e nem São Paulo puderam desmerecê-la com o cinza de suas neblinas.

Rudá apareceu em vestido furta-côr, sôbre o qual se fizeram os piores trocadilhos na exposição; haverá brevemente um baile promovido por um grupo de artistas e amigos da arte com a finalidade de arrumar algum dinheiro para mandar Rudá para a Itália. Mandemos à Itália essa moça melancólica. Se as bolsas de viagem são mesquinhas e vasqueiras, que pode haver mais belo que essa reação da meninada de São Paulo escolhendo uma jovem para mandar à Itália com seus minguados dinheirinhos? Marta cresceu um pouco (e vai crescendo em

graça e beleza) e Olegário Mariano surgiu de repente, não se sabe se para a exposição de Di ou para o baile das debutantes, pois ele é de ambas as gerações. E entre dois aviões noturnos eu tive a mais feliz das dores de cabeça, mas não morri nem mesmo andando no "Austin" de Luiz Coelho em direção a um lombo de porco vindo de Capivari para a casa de Mário Neme. Aterrigo-me sei aterrado num quintal da rua D. Mariana, onde Calder se despedia com uma festa essencialmente "mobile", da qual não participei porque o meu coração ainda estava muito paulista.

E a menina Eliana andava estes últimos dias falando sózinha, fazendo um ruído estranho com a língua na boca. "Que é isso menina?" - perguntava a mãe. Ela dizia que ~~est~~ "estava aprendendo".

E preciso renunciar a saber os mistérios de uma menina de 3 anos; mas domingo ela se aproximou do pai e disse: "prrrrdia". O pai, que é um escritor e, portanto, um homem sem imaginação, disse: "mulher, a menina está querendo ir à praia". Mas a garota continuou: "prrdia, carro, presente...". Tinha aprendido a dizer o "r", todos os "rr", o duro, o brando, o que fica entre a consoante e a vogal e o que fica no fim da palavra, uma orgia de "rr", um sonho de ouvinte de César Ladeira.

E tão cheia de graça e tão linda, ela passou o dia contente ("árrrvore, colherr, laranja, prrrresunto...") sem saber que estava trocando sua língua de anjo pela nossa triste e rude linguagem humana.